O ESTADO DE S.PAULO
Publicado em 16/04/2022 - 06:00

Inflação afasta brasileiro de conquistas do Plano Real

Consumo **Queda do poder de compra**

Brasileiros perdem conquistas do Real

Por causa da inflação de mais de 11% em 12 meses, 73,1% dos consumidores deixaram de comprar carne recentemente; lista de cortes também incluiu iogurte, queijo e biscoitos

MÁRCIA DE CHIARA

O choque de preços que levou a inflação em março a 1,62%, a maior marca para o mês em 28 anos, e a dos últimos 12 meses a 11,30% provocou uma perda abrupta de conquistas de consumo dos brasileiros desde o Plano Real. Carne, iogurte, queijo, bolacha recheada, itens que tinham ficado acessíveis nas últimas décadas, agora estão deixando a lista de compras de parte da população – o que é o exemplo mais visível de uma situação de perda de renda, desemprego elevado e custos mais altos.

Nos últimos meses, 73,1% dos consumidores deixaram de comprar carne, quase 10% cortaram iogurte, queijo, laticínios e bebidas alcoólicas e perto de 6% não levaram para a casa biscoito e feijão, alimento básico, revela pesquisa do Sindicato do Comércio Varejista de Gêneros Alimentícios do Estado de São Paulo (Sincovaga), feita pela JFP Consultoria e obtida pelo **Estadão**.

O estudo, que ouviu no início do mês 200 consumidores com renda familiar de até dez salários mínimos (R$ 12.120) quando faziam compras em supermercados da capital paulista, mostra que 52% deixaram de consumir algum produto entre alimentos, bebidas, itens *in natura* e artigos de limpeza. Com a disparada dos preços, 79% dos entrevistados passaram a levar um volume menor de itens para casa.

O zelador Marcelo Domingos dos Santos, de 50 anos, é um dos que frearam o consumo. Ele gasta hoje R$ 700 na compra de supermercado, sem levar tudo o que precisa para casa, onde vive com a mulher e dois filhos. Até pouco tempo atrás, desembolsava R$ 500 e saía do supermercado com o carrinho cheio.

"Faz um ano que diminuímos o consumo de carne. Até a moída está difícil de comprar", diz. O iogurte, um dos símbolos da melhora do consumo trazida pelo Plano Real, ele nem lembra quando comprou pela última vez. ●

LEIA MAIS SOBRE O EFEITO DA INFLAÇÃO SOBRE O CONSUMO. PÁGS. B2 E B3

Aposentada só paga conta e não pode ter gastos extras

MÁRCIA DE CHIARA

A bancária aposentada Célia Regina Cotta, de 64 anos, percebeu que todas as conquistas que vieram com a estabilidade de preços foram perdidas abruptamente. "Antes desse aumento da inflação dava para fazer uma poupança, gastar com extras, como roupa, sapatos, um passeio. Mas agora está difícil; é só pagar conta", diz, lembrando que o condomínio aumentou, o plano de saúde, a luz e o gás também.

Célia mora sozinha, mas cuida de um sobrinho de 10 anos que passa o dia na sua casa. No supermercado, por exemplo, ela gastava R$ 900 com a compra do mês antes da pandemia. Hoje, mesmo trocando marcas, reduzindo quantidades e cortando itens, desembolsa entre R$ 1,5 mil e R$ 1,6 mil.

A carne é apontada por Célia como um dos vilões da alta de preços. Até pouco tempo, ela consumia dois quilos de carne moída por mês. Agora é só um quilo. A proteína animal foi substituída por frango, ovos, verduras e legumes. No entanto, ela diz que está difícil chegar a um novo equilíbrio no orçamento com as substituições, porque os preços, no caso dos hortifrútis, também subiram muito.

WERTHER SANTANA/ESTADÃO

Célia Cotta; as compras do mês subiram de R$ 900 para R$ 1,6 mil

SEM ESTOQUE. A alternativa de fazer estoque para aproveitar o preço em conta, ela abandonou de vez. Antes, Célia mantinha na geladeira uma dúzia de latinhas de cerveja. Agora só compra quando vai receber as amigas, porque sair para beber ficou caro. Ainda assim, a quantidade caiu pela metade. ●

Marca mais barata é a solução para conseguir comprar o básico

Isabely Louzada, de 22 anos, mãe da Olívia, de 3 anos, é de uma geração que nunca tinha sentido no bolso uma disparada tão forte da inflação. O Plano Real, que trouxe a estabilização dos preços, entrou em vigor em julho de 1994, quando ela ainda não era nascida.

Apesar de não ser "escolada" para lidar com a alta de preços como a avó e o tio, com quem ela mora, Isabely já aprendeu os macetes para driblar a inflação de alimentos e itens de higiene e limpeza. "Tudo o que a gente escolhe é da 'marba', a marca barata", brinca, relatando que tem trocado sucessivamente a marca de produtos. O sabão Omo de lavar roupa, por exemplo, foi substituído pelo Ariel e este pelo Tixan. A escolha depende de qual marca está em promoção no dia da compra.

Isabely observa que antes da pandemia os preços nos supermercados já estavam elevados. Mas, na sua opinião, ainda era possível levar o básico necessário. "Na época, a gente conseguia comprar carne, iogurte, Toddynho e algumas besteiras se tivesse vontade."

Hoje, a situação é diferente. Quando se coloca no carrinho tudo o que deseja, a compra passa de R$ 1 mil e fica inviável para ela. Carne bovina praticamente a família não consome mais, só a moída, em pacotinho, que é de segunda. "Bife, carne de panela, são raríssimos, não comemos faz um bom tempo." No lugar da carne, ela optou pelo frango e ainda o mais barato.

Também a bolacha recheada, que às vezes comprava, saiu da lista do supermercado. Hoje é só torrada e biscoito de água e sal, e do mais simples. As duas caixas de leite com 24 litros, que eram consumidas principalmente pela filha, foram cortadas pela metade.

Como profissional autônoma que trabalha nas áreas de confeitaria e de estética, a renda de Isabely oscila muito. Tem meses que tira entre R$ 3 mil e R$ 4 mil e em outros, como foi em janeiro deste ano, um pouco mais de R$ 1 mil. Sem recursos para a matrícula, ela teve de trancar a faculdade de fisioterapia neste semestre. "A gente vive numa corda bamba e tem que pender cada hora para um lado para não cair no buraco e se afundar." ● M.C.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Copyright © Clipclap 2025.